**Abjeção do corpo mastectomizado: politização da feminilidade no ativismo *go flat***

Daliana Antonio

*doutoranda em Sociologia na Universidade de Brasília/UnB*

*professora na Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes*

*bolsista Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais/FAPEMIG*

daliana.antonio@unimontes.br

**Resumo:** O movimento *go flat* incide no significado da feminilidade por meio da representação do corpo mutilado com suas cicatrizes e peito plano. Busco, a partir das fotografias e respectivas mensagens da organização norteamericana *Flat Closure Now (FCN)*, no seu perfil no Instagram, uma reflexão introdutória para posterior análise de conteúdo do ativismo *go flat* como parte de pesquisa de doutoramento sobre representações de feminilidade a partir de experiências de mulheres com o câncer de mama. Literalmente, a organização "Fechamento Plano Agora" divulga as cicatrizes de pós-mastectomias das mulheres que decidiram "viver planas". Selecionei 51 publicações de 9 de dezembro de 2018 até 27 de junho de 2020. Busquei conhecer quais significantes de feminilidade estão expressos nas narrativas do perfil. Junto a uma reflexão sobre estudos que mencionam aspectos socioculturais a respeito do câncer de mama, questiono se há uma estrutura social de reconhecimento que, considerada a invisibilidade de corpos mastectomizados, pareça produzir uma abjeção relativa à cirurgia estética do fechamento plano. Vou inferir que a identificação *flatties* pode ser traduzida como *despeitadas* com o intuito de inventar a noção de *planitude*, ou seja, que venha representar, diante da defesa de *viver plana*, uma defesa de um tipo cirúrgico que também é "válido, bonito e saudável" para que as mulheres sintam-se plenas.

**Palavras-chave:** ativismo, mastectomia, *flat closure*, gênero.

**Introdução**

Este texto é uma reflexão a respeito da cirurgia estética de fechamento plano divulgadas pela organização *Flat Closure NOW (FCN)[[1]](#footnote-2)*. Como não encontrei correspondência, no âmbito das organizações médicas brasileiras, deste tipo cirúrgico[[2]](#footnote-3), para os casos de mastectomia em mulheres diagnosticadas com câncer de mama, manterei as traduções[[3]](#footnote-4) em itálico com o objetivo de destacar as práticas significantes das defensoras do ativismo *Go Flat*. Se trata de uma organização norteamericana sem fins lucrativos, legitimada em setembro de 2019. Escolhi o perfil na rede social *Instagram* e selecionei as 51 publicações de 9 de dezembro de 2018 até 27 de junho de 2020 com o intuito de entender a "missão" da organização, qual seja, orientar sobre esta opção cirúrgica de fechamento plano ser "válida, bonita e saudável". Além da obtenção de fundos, uma das tarefas para o apoio às pesquisas e atividades da organização é a divulgação de fotografias e vídeos para dar visibilidade a esta técnica. A missão da organização prioriza problematizar a narrativa tradicional de que todas as pacientes com mastectomia devam reconstruir para viver uma vida feliz e plena, de modo a construir uma inteligibilidade sobre um resultado estável após a mastectomia e, também, apoiar esforços para treinamento de cirurgiões para executarem a técnica de fechamento plano.

Para discutir o termo *flat* proposto pela FCN, decidi pensar a *planitude* como análogo a noção de "plenitude" corporal, como é problematizada diante do que afirmam ser uma hegemonia da reconstrução com algum enchimento para a manutenção de um sentimento de corpo "inteiro". Tal hegemonia apresenta correspondência em pesquisas científicas brasileiras sobre os sentimentos de mulheres mastectomizadas devido ao câncer de mama, conforme revisão anteriormente realizada (ANTONIO, COSTA, FREITAS, 2020). Pude identificar esta correspondência quando o movimento menciona as narrativas tradicionais sobre a "perda" da feminilidade. Como a mutilação é, comumente, associada à deformidade, por vezes está implícito a implicação de falta, de ausência, do corpo ser visto e sentido como inteiro, pleno.

Pretendo, ainda, pensar a *planitude* no contexto das experiências dessas mulheres sobre a escolha dos procedimentos cirúrgicos após o diagnóstico do câncer de mama. Isto porque, há uma miríade de acontecimentos no processo de escolha e decisão sobre os procedimentos indicados no tratamento deste tipo de câncer e *viver plana* raramente é indicada como opção, quando não muito, é rejeitada, primeiramente pelos profissionais de saúde, como poderemos conhecer nos relatos dos estudos consultados. No caso dos relatos no perfil da *FCN*, não somente intentam dar visibilidade para que outras mulheres se informem sobre esta opção, mas ainda para atribuir outros significados de uma identidade feminina, um "ser mulher". Sendo assim, a feminilidade deixa de ser una e está representada em múltiplas formas corporais que são constitutivas do ser, e a *planitude*, expressa neste engajamento, vai significar o valor atribuído à autoestima das mulheres que vivenciam o câncer de mama.

***Planitude*: uma reconstrução para "viver plana"**

Os Estados Unidos registrou para o câncer de mama a estimativa de 276.480 casos em 2020, o que corresponde 30% de casos de câncer depois do câncer de pulmão (12%) (American Cancer Society, 2020)[[4]](#footnote-5). Os casos aumentam a cada ano, ainda que a taxa de mortalidade tenha diminuído. Dentre os procedimentos, a mastectomia é a mais indicada nos seus diferentes tipos, seguido de possibilidades reconstrutivas conforme protocolo da *Agency for Healthcare Research and Quality* do *Department of Health and Human Services* (AHRQ, 2020). O primeiro procedimento de mastectomia orientado pela medicina foi realizado por Halsted em 1880, e seguiram décadas com o procedimento de retirada de toda a estrutura passível de conter células cancerosas, por isso denominada radical. Atualmente este tipo não é primordial, pois o diagnóstico precoce ou o tratamento quimioterápico, a depender do tipo tumoral, pode proporcionar uma retirada parcial da(s) mama(s). Por vezes, é realizada a técnica de simetrização, o que pode necessitar intervir em partes onde não há células cancerígenas e, por isso, era atribuída como uma cirurgia estética, entretanto passou a ser intrínseca ao tratamento. Muitas vezes, há a colocação de um expansor que é "alimentado" por soro fisiológico até a definição de um posterior procedimento, uma vez que uma prótese de silicone pode não ser indicada a depender da terapêutica recomendada, especialmente sobre os efeitos da radioterapia. Desde 1998 está garantido os devidos procedimentos para a reconstrução mamária no tratamento da mulher com câncer de mama conforme o *Women’s Health and Cancer Rights Act[[5]](#footnote-6)*.

Como anteriormente mencionado, entendo os acontecimentos relatados como uma expressão de *planitude*, ou seja, a descrição de um processo no qual houve a aquisição de uma linguagem referencial para corpos mastectomizados. Então, as mulheres expressam uma *planitude* de si ao se engajarem e serem *flatties*, *despeitadas[[6]](#footnote-7)*. Como a opção de fechamento plano não faz parte das recomendações - estando ausente dos "portfólios" da AHRQ e das associações de cirurgiões estéticos, e ainda, conforme seus relatos, médicas/os mastologistas e oncologistas não apresentarem essa opção - se associarem contribuiu no alcance dos objetivos, como apresentam:

### Flat Closure NOW é um grupo de educação e defesa dedicado a garantir que pacientes e provedores entendam que “ficar plana” é uma opção cirúrgica válida, bonita e saudável após a mastectomia 💛 NOSSA MISSÃO É: 1. INTERROMPER: a narrativa tradicional de que todas as pacientes com mastectomia devem reconstruir para viver uma vida feliz e inteira; 2. OFERECER: linguagem clara para pacientes com câncer de mama que desejam um resultado estável após a mastectomia 3. APOIAR: esforços para treinar cirurgiões em técnicas de fechamento plano. (FCN, 9 de dezembro de 2018).

De uma inevitabilidade para uma decisão sobre as terapêuticas que se seguem após um diagnóstico de câncer, as *despeitadas* visam apresentar o tipo de cirurgia estética de fechamento plano como uma opção diante de experiências que envolveram falta de informação, conflitos de decisão ou inadequações com algum enchimento. Assim, a visibilidade de corpos mastectomizados vai informar sobre a possibilidade de escolher uma técnica que apresenta benefícios e beleza, ao contrário da narrativa de "falta" atribuída aos sofrimentos diante da retirada de uma ou duas mamas. As fotografias das *despeitadas* no perfil *FCN* são comumente retratos do cotidiano de suas *vidas planas* com relatos que convidam outras mulheres a "não vestirem a camisa"[[7]](#footnote-8).

E será no âmbito da escolha que a narrativa da perda, concomitante ao sentimento de incompletude, estará vinculada em atribuições de feminilidade que, tradicionalmente, focaram nas mamas, como objetos observáveis e manipuláveis, um trabalho funcional da sexualidade e da maternidade (YOUNG, 2005). Para as *despeitadas*, a visão tradicional dos seios lastima, rejeita, invalida e, até, abjeta a possibilidade de um peito plano em corpos de mulheres, já que estabeleceu uma feminilidade, substancialmente, funcional para as mamas. Neste sentido, me situo na teoria feminista a fim de acionar categorias de análise que deem coerência às experiências das *despeitadas* na luta por reconhecimento que contribua para uma *justiça plana*, ou seja, para as devidas informações de uma opção cirúrgica de reconstrução estética válida, saudável e com belos resultados, uma vez que

### O câncer de mama rouba muito de nós - nossa saúde, nosso tempo, nossos recursos, nossa libido. Para mim e outras pessoas do www.flatclosureNOW.org, ficar plana tem sido uma forma de recuperar nossos corpos, moldá-los para acomodar nossas vidas, **não uma norma da sociedade**. É por isso que é especialmente traumático quando os cirurgiões desconsideram o **desejo da paciente** de ficar plana. Esta era sua única oportunidade de exercer um mínimo de **controle**. Enquanto a FCN trabalha pela justiça plana, estou curiosa: como você recuperou seu corpo do câncer? #justiçaplana (FCN 23 de maio de 2019, grifos meu).

Uma mastectomia com fechamento plano pode ser pensada como uma mastectomia sem reconstrução, entretanto é um tipo de reconstrução, um procedimento estético que demanda técnicas cirúrgicas especializadas. E tal tipo foi legitimado pelo Instituto Nacional do Câncer (NCI, sigla em inglês)[[8]](#footnote-9) em 2020, quando a FCN comemorou nas postagens dos dias 1, 2, 13 e 18 de julho, diante de um contexto no qual as diretrizes informadas são para cirurgias de reconstrução com prótese.

### Tão incrivelmente lindo ver que o @nationalcancerinstitute adicionou #EstéticaFechamentoPlano às suas definições.⁣⁣⁣⁣ Profissionais de saúde e pacientes precisam de uma linguagem que estabeleça claramente o que deve ser feito durante a cirurgia. ⁣⁣É extremamente triste que em 2020 ainda estejamos lutando para apresentarem informações honestas. É tão triste ver tantas mulheres lutando para conseguir a reconstrução (sim! Incluindo #EstéticaFechamentoPlano!) Elas que SABEM o que é melhor para o corpo em que vivem. Esses corpos são nossos lares. Dê-nos todas as nossas opções. Explique-os completamente de uma forma que faça sentido. Pelo amor de todas as coisas na terra, não entre e faça algo totalmente diferente depois que estivermos anestesiadas em uma mesa de operação. Respeite nossos corpos. Respeite nossas escolhas. São só nossas.⁣⁣ (FCN, 1/7/2020).

Para as *despeitadas*, os seios não definem um gênero, feminino ou masculino, cis ou trans, nem determinam uma essência, mulher ou homem, cis ou trans. Algumas até mesmo se identificam como não binárias a fim de romper com essa matriz de inteligibilidade tradicional (BUTLER, 2016). Por meio de fotografias e narrativas, projetam a beleza do corpo com suas diferentes cicatrizes, peitos tatuados e, muitas vezes, peitos à mostra de modo a rejeitar enchimentos. Como dizem,

### O fechamento plano é reconstrução. Podemos não estar reconstruindo o formato do seio, mas ainda merecemos e esperamos um contorno torácico esteticamente agradável. Flat Closure NOW se dedica a garantir a compreensão de que a reconstrução com fechamento plano é uma escolha de mastectomia saudável, bonita e válida. Isso significa que, se uma paciente escolher "ficar plana", esperamos que todas as tentativas sejam feitas para dar a essa paciente um FECHAMENTO PLANO suave. Sem pele extra. E se houver pele extra que precise ser removida, que o procedimento seja codificado como revisão reconstrutiva, não como procedimento cosmético. [...] ouvimos TODOS OS DIAS que as mulheres dizem que não vão se sentir completas, sexy, vão se arrepender da decisão, que PRECISAM de seios para sentir essas coisas, não vão ser feliz, etc. É por isso que eu me coloco e nossa comunidade o faz. Para mostrar que a beleza não se define pelos seios. Mostrar ao mundo que sim, você pode ser jovem, ser inteira, ser sexy, ser feliz, ser saudável. (FCN, 20 de outubro de 2019).

**Hegemonia da reconstrução e política da escolha**

A discussão sobre uma feminilização de corpos não está dissociada de práticas de normalização. É preciso tais práticas para justificar uma hegemonia de diferentes técnicas reconstrutivas mamárias com enchimento. O estudo de Farnsworth (2019), ainda que seu recorte se deu com mulheres de Montreal, Canadá, apresenta uma dupla estigmatização. De um lado, o diagnóstico do câncer de mama, de outro, a ausência de uma ou duas mamas a romper com a simetria ou uma feminilidade normalizada. Farnsworth afirma, conforme estudo de 2004 dos cirurgiões plásticos Uroskie & Colen, que uma hegemonia da reconstrução, de modo a justificar não ser admissível nem necessário ficar "sem" mama, tem sua gênese com a primeira introdução de implante de silicone por Cronin e Gerow em 1963[[9]](#footnote-10). Quando comparou as intervenções relativas ao câncer de mama no Canadá e nos EUA, apresentou fatores que deveriam ser incluídos nos dados para entender as mudanças nas orientações das terapêuticas, assim como para se definir uma "taxa" a fim de avaliar os procedimentos de reconstrução mamária. São fatores de risco, baixa renda, local de moradia e logística para deslocamentos, dispensa no emprego e relações com as finanças, acesso à cirurgiões plásticos, às instalações e disponibilidade de todos os recursos em sala cirúrgica. Os documentos orientadores de órgãos governamentais de saúde pública ou instituições médicas privadas priorizam a reconstrução sob os argumentos de uma melhoria do corpo para manter sentimentos de normalidade e feminilidade. De modo geral, a pesquisadora constatou que poucas pesquisas estão dedicadas a estudar estes fatores, assim como os mesmos não estão incluídos nos registros hospitalares. Menos ainda se dão os devidos créditos às experiências das mulheres com a reconstrução.

Neste contexto hegemônico, quero destacar que, de uma concepção de "mastectomia sem reconstrução", a luta pelo reconhecimento das *despeitadas* passou pela noção de que fechamento plano não é uma negação de reconstrução mamária, mas uma opção que, por diferentes situações, pode ser a mais adequada e, por isso, diz respeito a uma política da escolha (BAKAN, 2020). A canadense Abigail Bakan, ao descrever sua experiência após a cirurgia de mastectomia bilateral, afirmou que foi, insistentemente, orientada a reconstruir as mamas e questionada com desconfiança sobre sua negação ao "protocolo comum". Desde então, se engajou numa pesquisa para conhecer um dos eventos mais significativos sobre o câncer de mama em Toronto, o *BRA Day*, em 2016, e afirmou como uma hegemonia da reconstrução está sustentada por um aparato discursivo que envolve a restauração do bem-estar, da saúde e da agência feminina. Se incomodou com discursos sobre "ser mulher" e a atribuição de "falta" como o impulso para que as pacientes cumpram a "jornada" de reconstrução das mamas para uma "restauração" de sua "inteireza", sua plenitude. Daí destacar sua identificação com as experiências relatadas no grupo *Flat and Fabulous*, acessado no *Facebook*. Para Bakan, a cultura hegemônica da reconstrução se estabelece quando um evento, tal qual o BRA Day, não menciona a existência da reconstrução de fechamento plano.

Tanto Farnsworth (2019) como Bakan (2020) citaram uma publicação que culminou numa intensa circulação que me impulsionou a adotar a noção de *planitude* nas experiências vividas das *despeitadas*. Intitulada *Going Flat after Breast Cancer[[10]](#footnote-11)*, a publicação pelo *New York Times*, de 13 de novembro de 2016, dizia respeito, em particular, ao grupo *Flat and Fabulous*, criado por duas mulheres que se conheceram, no ano de 2011, participando do ensaio fotográfico *Scar Project* de David Jay[[11]](#footnote-12). Foi também em 2011 que aconteceu o primeiro *BRA Day* sobre o qual Bakan confirmou a ausência de explicações sobre a técnica cirúrgica de fechamento plano. Para ela, diante de um debate oriundo dos direitos reprodutivos de mulheres, a política de escolha deveria estar pautada também para o tratamento de câncer de mama, uma vez que há disputas discursivas nas justificativas técnicas de cirurgias e terapêuticas pós mastectomia. Ainda, porque a hegemonia da reconstrução pauta os discursos com noções de perda, falta, implicadas numa idealização de seios femininos sustentada pelas tradicionais normas patriarcais e de gênero (BAKAN, 2020, p. 42). Pessoalmente, relata que teve explicações repetitivas sob a hipótese de que ela se arrependeria caso decidisse não ter enchimento. Deste modo, entendeu que, se um tipo de procedimento cirúrgico necessita ser reivindicado, uma política de escolha deve envolver coalizões.

### Minha escolha de "ficar plana" foi, aparentemente, na melhor das hipóteses incomum e desconhecido e, na pior, considerado autodestrutivo. Embora isso não fosse facilmente rastreável a qualquer fonte única, a cultura geral de "oferecer reconstrução" era claramente a norma entre os praticantes. O objetivo era garantir que eu estava realmente, totalmente, verdadeiramente informada sobre a opção de ter novas mamas "reconstruídas" a partir de tecido transplantado (reconstrução autóloga) ou usando implantes mamários. (BAKAN, 2020, p. 43).

Esta coalizão foi exemplar no caso de Kim Bowles, em Cleveland, Ohio, no ano de 2018, que veio a construir a organização *Not putting on a shirt*, tão logo com parceria da FCN. A justificativa sobre os casos cirúrgicos nos quais se preserva um excesso de tecido para uma posterior reconstrução, fez Kim Bowles protestar. Afinal, ela solicitou o procedimento de fechamento plano, mas o médico manteve a crença sobre o arrependimento da paciente, assim como aconteceu com Bakan, e procedeu de modo a deixar um excesso de pele. Preservar tecido é comum para os casos que seguem sessões de radioterapia entre outras terapêuticas que podem não garantir condições recomendáveis para uma intervenção de imediato com algum enchimento. Kim Bowles não poderia se conformar. Seu caso não era o primeiro. Ela não só conhecia fotografias de resultados cirúrgicos onde havia tecido extra, como levou as imagens para solicitar ao cirurgião a técnica de fechamento plano. Feita a sua queixa, Bowles foi ignorada ao receber do hospital a justificativa de devida execução do protocolo. Tirou a camisa no escritório do CEO[[12]](#footnote-13) do hospital, foi retirada por seguranças e protestou novamente sem camisa no mesmo mês levando um cartaz e uma petição com 37 mil assinaturas. Organizou uma marcha e institucionalizou uma organização.

Ao associarem manifestações visuais e sociais sobre *viver plana* como um engajamento crítico das normas de feminilidade, as partícipes do movimento rejeitam a estigmatização do peito plano e recusam os discursos que apontam efeitos catastróficos sobre as emoções pós mastectomia. Tal narrativa vai contribuir para a identidade *despeitada* a partir desta politização do corpo mastectomizado. No entanto, como esta narrativa não está condizente com a hegemonia da reconstrução, ora está ausente, ora "no final do corredor"[[13]](#footnote-14) do campo médico, seja para investigações científicas ou no repasse de fundos para campanhas, orientações e pesquisas.

### Como uma jovem mulher e mãe (31 anos no diagnóstico em 2017), me senti especialmente pressionada a reconstruir com implantes/retalhos. Um cirurgião plástico me disse que minha autoestima "sofreria" se eu optasse pelo plano.

### Embora eu confiasse em minha intuição e procedesse com fechamento plano, ainda me preparei para ficar chateada quando me olhasse no espelho pela primeira vez após minha mastectomia... por causa desse comentário. Mas o que experimentei quando olhei estava longe de ser uma desapontamento. (FCN, 14 de outubro de 2019).

O ativismo das *despeitadas*, visto o engajamento para a exposição de corpos mastectomizados resultantes de cirurgias de reconstrução de fechamento plano, bem representa aspectos reivindicativos tal como os expostos no referenciado Diários do Câncer, da escritora afroamericana Audre Lorde, publicado em 1978. Em resumo, o movimento corrobora a ideia de Lorde de que o câncer é político e uma das resistências que pronunciava, especialmente por meio da escrita, era dar visibilidade. A escritora, ativista lésbica e negra, tem nas sua escrita sobre sua esperiência com o câncer de mama uma denúncia sobre o não reconhecimento das mulheres brancas sobre as desiguais condições sobre a cor e a sexualidade. Estas mulheres, segundo ela, sustentavam disfarces materiais e simbólicos sob um aparato rosáceo nas campanhas de prevenção ao câncer de mama e nas chamadas para a participação em grupo de apoio durante e após o tratamento. Assim, penso a FCN como uma organização que representa um movimento de resistência.

**Politizar para não abjetar: uma reflexão sobre feminilidade**

O que me motivou a refletir sobre a *planitude* expressa nos sentimentos das mulheres da *FCN* foi a noção de feminilidade, anteriormente pesquisada a partir das bases Scielo e Arca/Fiocruz (ANTONIO, COSTA, FREITAS, 2020). Considerando que pesquisas podem dizer respeito a feminilidade sem utilizar essa noção, parti do pressuposto de que as investigações que fizessem referência aos aspectos socioculturais no contexto do câncer de mama poderiam apresentar implicações atributivas de qualidades ditas femininas. Se deu um levantamento com os seguintes descritores: neoplasias da mama, câncer de mama, *neoplasias de la mama*, *breast cancer* e *breast neoplasm*. Foram 253 artigos encontrados, no intervalo de 1994 a 2019, submetidos a uma nova busca, desta vez nos resumos, com os seguintes descritores: social, cultural, sociocultural e socioculturais, e 12 artigos foram selecionados para a revisão narrativa. Os estudos apresentam uma diversificação, mas ouso afirmar que apenas 3 se aproximam de uma perspectiva similar às questões que aparecem nas pesquisas apresentadas pela FCN. Isto porque, é inegável as transformações acometidas por uma doença, ademais as especificidades do câncer de mama.

Entretanto, a maioria das discussões a respeito de uma incorporação de nova identidade neste contexto parece normalizar uma representação de feminilidade associada a valores patriarcais. É possível afirmar isso diante da falta de problematização ou quaisquer referências que indiquem a contribuição para que fatores ansiogênicos se mantenham diante de uma feminilidade reconhecida num "outro", a "mãe", os "seios" cheios e arredondados, essa "essência" expressa no "ser mulher". Em respeito a escolha numa discussão sobre um movimento que tem como objetivo romper com essa representação, penso na proposta de Judith Butler quando diz ser preciso politizar o abjeto (BUTLER, 2006).

Pretendo desenvolver uma reflexão sobre a potência das *despeitadas*, no âmbito de uma luta por reconhecimento que implica em não serem vistas como corpos incompletos sob a angústia da perda da feminilidade. A não admissão da cirurgia estética de fechamento plano como uma opção pós mastectomia será entendida como uma abjeção, uma vez que rompe com a ordem constituída na matriz de inteligibilidade binária (BUTLER, 2016) e, portanto, não encontra uma estima social (HONNETH, 2009). Com Honneth, pretendo acionar possíveis processos que podem ser qualificados como uma luta coletiva de um reconhecimento identitário que, ao mesmo tempo, não se sustenta em significantes de feminilidade dos padrões de reconhecimento de uma estrutura social patriarcal. Daí, a noção de abjeção contribuir para pensar uma experiência de si fronteiriça para a constituição de um valor social para uma feminilidade que não quer contribuir para essa estrutura.

**Referências bibliográficas**

AHRQ. Breast Reconstruction After Mastectomy. Agency for Healthcare Research and Quality, Department of Health and Human Services, jun., 2020. Consultado em outubro de 2020. Disponível em: <https://effectivehealthcare.ahrq.gov/sites/default/files/pdf/breast-reconstruction-mastectomy-protocol.pdf>

American Cancer Society. *Breast Cancer Facts & Figures 2019-2020*. Atlanta: American Cancer Society Inc., 2019.

ANTONIO, Daliana; COSTA, Micaelly Fonseca da; FREITAS, Maria Luíza Alves. Das orientações sobre a subjetividade da mulher no contexto do câncer de mama: uma revisão narrativa. *Anais I Seminário Efeitos de Gênero*: Interseccionalidades e práticas de resistência, nov., 2019. pp. 112-125 https://efeitosdegenero.wixsite.com/sege

BAKAN, Abigail B. Going Flat: Breast Cancer, Mastectomy and the Politics of Choice. *Imaginations: Revue d’Études Interculturelles de l’Image/Imaginations: Journal of Cross-Cultural Image Studies*, vol. 11, no. 1, May 2020. pp. 39–63, doi:10.17742/IMAGE.BR.11.1.4

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ Introducción, El anhelo de reconocimiento? Puede hablar el “Outro” de la filosofia? In: *Deshacer el género*. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 2006.

FARNSWORTH, Laura. Rejecting Stigma - Embracing 'Living Flat': Motivations for Resisting Breast Reconstruction and Prosthetic Breasts After Mastectomy. [thesis] Art (Sociology), Concordia University, Canada, 2019.

Flat Closure Now, 2020. <https://www.flatclosurenow.org/>

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*: a gramática moral dos conflitos sociais. 2a ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

YOUNG, Iris Marion. Breasted Experience: the look and the feeling. In: *On Female Body Experience*: "throwing like a girl" and other essays. New York: Oxford University Press, 2005.

1. A partir deste ponto vou usar a sigla para me referir à organização; o status de organização 501(c)(3) para a FCN foi divulgado no dia 8 de setembro de 2019. Nos EUA, há diferentes códigos que definem o tipo de organização sem fins lucrativos. Sob o código 501(c)(3), a FCN está dentre as organizações "Religiosa, Educacional, Caritativa, Científica, Literária, Teste de Segurança Pública, para Fomentar Competições Esportivas Amadoras Nacionais ou Internacionais, ou de Prevenção de Crueldade sobre Crianças ou Animais" (tradução livre). [↑](#footnote-ref-2)
2. O que poderia ser similar à técnica de fechamento plano no âmbito dos procedimentos informados pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) é a mastectomia denominada masculinizadora ou a mamoplastia masculinizadora, comumente atribuídas aos casos de transexualização. [↑](#footnote-ref-3)
3. Todas as traduções deste artigo são de minha autoria. Vou manter alguns termos referentes às identificações do movimento no inglês e optar por traduzir conforme o desenvolvimento de minhas análises. Agradeço o auxílio de Taynara Duarte para me certificar de algumas traduções. [↑](#footnote-ref-4)
4. Os dados mais atuais disponibilizados no site da American College Surgeons são de 2017 e estimou 303.890 casos; já o National Cancer Institute estima o câncer de pele em primeiro lugar. [↑](#footnote-ref-5)
5. Mais recentemente, foi enviado o projeto de lei H.R. 1370, de fevereiro de 2019, o *Breast Cancer Patient Equity Act*, com atualizações para a cobertura financeira via *Medicare* de próteses mamárias fabricadas sob medida, ou para substituições de próteses e, ainda para as próteses externas tal como o sutiã pós-cirúrgico. [↑](#footnote-ref-6)
6. Adiante farei referência a uma reportagem que traduziu as *flatties* como *despeitadas* e pensarei essa identificação como uma potência para a visibilidade de corpos mastectomizados. Agradeço a sugestão de Paul Jardim, historiadore terrorista de gênero, para tal acionamento. [↑](#footnote-ref-7)
7. *Not putting in a shirt* ("Não vista a camisa") é uma organização fundada por Kim Bowles, também engajada na FCN, a quem é creditada uma importante manifestação que será mencionada adiante. [↑](#footnote-ref-8)
8. Conforme consta no dicionário no <https://www.cancer.gov/publications/dictionaries/cancer-terms>. [↑](#footnote-ref-9)
9. A primeira reconstrução foi publicada por Vincent Czerny em 1895, na Alemanha, o que proporcionou o título de "pai da cirurgia estética de seio". [↑](#footnote-ref-10)
10. O jornal brasileiro O Estado de S. Paulo, o Estadão, intitulou "O câncer de mama e as despeitadas" para a tradução desta reportagem. [↑](#footnote-ref-11)
11. Disponível no <http://www.thescarproject.org/david-jay/>. [↑](#footnote-ref-12)
12. Sigla para *Chief Executive Officer*, que é o mais alto posto administrativo e, apesar de já incorporada na linguagem portuguesa, se refere à direção geral ou à presidência de uma organização. [↑](#footnote-ref-13)
13. Reproduzo esta menção de Ana Mi ao relatar, em palestra no Congresso de Oncologia da Associação Presente (Montes Claros), de 2020, que as experiências de pacientes metastáticas são de menor valor. [↑](#footnote-ref-14)